

Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

BREVE BIOGRAFIA DE AFONSO PRAÇA



Afonso Emílio Praça nasceu na freguesia de Felgar, concelho de Moncorvo, em 13 de Janeiro de 1939 (registado como tendo sido nascido em 3 de Fevereiro de 1939). Estudou nos Seminários de Bragança (Vinhais e Bragança), de 1951 a 1958, onde concluiu o 2.º ano do Curso de Filosofia; Colégio de S. João de Brito (Bragança); Faculdade de Letras de Lisboa, onde concluiu o curso de Filosofia Românica, em 1968. Cumpriu o serviço militar obrigatório de Agosto de 1962 a Dezembro de 1965; fez o curso de Oficiais Milicianos na Escola Prática de Infantaria (Mafra), após o que foi colocado como Aspirante Miliciano no Regimento de Infantaria 16 (Évora); Promovido a alferes, foi mobilizado para Angola, e serviu na Zona Norte (1963/65). Começou a actividade jornalística na revista «Flama», em Setembro de 1961: Profissionalizou-se no «Diário de Lisboa», em Março de 1968. Trabalhou neste jornal até Janeiro de 1972. Em Março desse ano, entrou no quadro do jornal «República» como redactor, regressando em Dezembro de 1974 no «Diário de Lisboa», onde se manteve até Agosto de 1975; De 1973 a 1975, pertenceu ao quadro redactorial da revista «Vida Mundial» (grupo «O Século»); De 1966 a 1970, colaborou na delegação de Lisboa do «Diário de Moçambique» (Beira); Foi um dos fundadores do semanário «O Jornal», em 1975, e director de «O Jornal da Educação», «Se7e» e «O Bisnau» (semanário humorístico e satírico), também pertencentes à empresa Projornal, S.A. Tem colaboração em inúmeros jornais e revistas, nomeadamente: «Mensageiro de Brança», «A Voz do Nordeste», «A Voz Portucalense», «Jornal do Fundão», «Aurora do Lima», «Ribatejo», «Brados do Alentejo», «Seara Nova», «Record», «Rádio & Televisão», «Volta do Mundo», «Bragantia», JL (Jornal de Letras), etc. Foi director-adjunto do semanário «Notícias de Trás-os-Montes» (o directo foi Vítor Direito). Actualmente (1997) é redactor da revista Visão. Autor do programa televisivo «Portugal de Faca e Garfo», colaborou noutros programas, como «Memória dum Povo», «Um, dois, três» (Carlos Cruz), «Faz de Conta» (Raul Solnado) e «Quem conta um conto» (Mário Zambujal). Escreveu textos para documentários de televisão, nomeadamente «Abade de Baçal – um homem e uma região»; Co-autor, com Fernando Assis Pacheco, da adaptação (a partir do romance de Manuel Mendes, «Pedro – Romance dum vagabundo») e diálogos do filme «Pedro Só», de Alfredo Tropa; Actor do filme «Bárbara», de Alfredo Tropa. Presidente do Sindicato dos Jornalistas (1974 e 1975), pertenceu por mais de uma vez aos corpos directivos da Casa da Imprensa; Foi professor da Escola Superior dos Meios de Comunicação Social (1976/77), da Escola Secundária dos Olivais (1980/81) e do Departamento de Língua e Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras de Lisboa. Participou como monitor em cursos de formação na área da Comunicação, nomeadamente nos que foram promovidos pela Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro / Escola Superior de Educação de Bragança, pela Conferência Episcopal Portuguesa e pelas Dioceses de Aveiro, Viana do Castelo, Algarve e Évora. Bibliografia: *O Regionalismo em Trindade Coelho* (separata do Boletim da Sociedade da Língua Portuguesa, 1961); 25 de Abril (1974) (Co-autor); *Um momento de Ternura e Nada Mais* (crónica), Editorial Notícias, 1995; *Bragança, 1944/45: um ano na Vida de Vergílio Ferreira* (separata da revista Brigantia, 1995); *Onde, a propósito de petiscos, se recorda um abade* (prefácio ao volume dedicado a Trás-os-Montes da colecção sobre cozinha regional, de Maria Odete Cortes Valente (ed. Gomes), Editorial Notícias, 1996).

Pe. João Moutinho de Carvalho

RETRATO DUM PADRE DE ALDEIA

Pela primeira vez, este ano não foi à caça. Choveu muito («Nos dias de caça, parece que era praga»), e depois, a saúde não tem ajudado, desde que, em Junho do ano passado, numa intervenção cirúrgica, lhe extraíram um rim. A partir daí, tem feito dieta rigorosa, sacrifício pesado para este grande apreciador do fumeiro e do presunto do Barroso, e que sempre gostou de «beber uns copos bem bebidos com os amigos».

Em 1992, o padre João Carvalho presidiu ao júri da Feira do Fumeiro e do Presunto do Barroso, iniciativa da Câmara de Montalegre. Este ano, nem no banco dos suplentes se sentou. Mas vai melhor, e prepara-se para dar o seu tradicional contributo à organização do campeonato das chegas de bois, entre Junho e Agosto. «Este ano, o campeonato vai meter aí uns vinte bois. É preciso defender a raça barrosã. São os bois que lutam mais e a carne é a melhor do mundo».

Quando fala de chegas, padre João entusiasma-se. Também se entusiasma quando fala de caça, de cães e de cavalos. A sua vida de padre de aldeia, durante quase meio século, mergulhou sempre no mais fundo de realidade cultural do povo barrosão. Poderia dizer, parafraseando Terêncio: «Sou barrosão e a nada do que é barrosão me considero alheio».

Antecipando-se ao Concílio, cedo largou a batina, usando o cabeção só às vezes. Sobretudo no Verão, incomodava muito.

João Carvalho vem dum tempo em que o padre, na aldeia, era rei e senhor, gozava de todas as impunidades. Confirma: «É verdade». E recorda que nunca pagou nenhuma multa, ele que teve cães e furões, caçou e pescou no defeso, sem problemas. «Houve até uma altura em que os cães de Negrões eram todos meus. A Guarda [Nacional Republicana] chegava e multava toda a gente por causa dos cães que não tinham licença. Então, eu lembrei-me de dizer ao povo que, quando a Guarda aparecesse e perguntasse de quem era o cão dissessem sempre: «É do padre». Os cães do padre não eram multados».

Caçador inveterado, ainda tem a velha Sarrasqueta que comprou «há quarenta e tal anos a um senhor de Pitões» e se mantém operacional.

«Caçava sobretudo coelhos. Havia muitos, é uma caça menos cansativa do que a da perdiz e, às vezes, lá íamos com um furãozinho... Também andei aos coelhos na neve, seguindo o rasto até à toca, nem sequer é preciso espingarda. Mas até me custava apanhá-los assim à mão, preferia mais atirar. Do que nunca gostei foi de ratoeiras e de ferros».

Mas sempre gostou de cães. «E verdade, e tive sempre bons cães, três ou quatro. Um deles, o *Pivete*, era o melhor cão do mundo, dormia ao pé de mim. Às vezes, enquanto eu ia rezar missa, ele ia para a serra sozinho, metia dois ou três coelhos na toca e, depois, punha-se a latir, a chamar. Foi um lobo que mo comeu. A criada bem me tinha avisado para o guardar... Até chorei. Antes queria que me comessem um cavalo. Nem quero que me falem do que passei».

Depois, vingou-se, matou um lobo na Serra das Alturas, «mesmo lá em cima nos cornos das alturas», mas a lembrança do *Pivete* nunca o largou. E ainda não compreendeu porque é que tanto se defende hoje o lobo.

Pe. João Moutinho de Carvalho

RETRATO DUM PADRE DE ALDEIA

O gosto pelos cavalos herdou-o do pai, obrigado pelas suas funções (escrivão do Tribunal, notário e administrador do concelho) a percorrer as 35 freguesias de Montalegre, a cavalo. Quando se ordenou, em 1943, o pai ofereceu-lhe um cavalo. «Já mo tinha prometido. Mas, depois, eu tive muitos, aí uns quinze, e todos bons. Não havia carros nem estradas, e eu gostava de correr, cheguei a ir a corridas a Fafe e a Cabeceiras. Em Chaves, corri várias vezes. O que eu gostava de correr!...»

Hoje, anda de carro, um velho Datsun com 200 mil quilómetros, mas os olhos brilham quando fala de cavalos. «Aprendi muito sobre cavalos com o padre Domingos Barroso, de Vilar de Predizes, o maior caçador de sempre no Barroso».

Andar de cavalo foi um desporto para o padre João Carvalho que sempre se considerou um bom desportista. No seminário e nas freguesias que paroquiou, jogou futebol. Hoje, limita-se a ser adepto do Porto e do Chaves, embora o Chaves lhe tenha dado ultimamente «grandes desgostos».

Também foi jogador de malha, de barra e, sobretudo, de pau. «Ainda hoje, vou a uma feira e só pela maneira de pegar no pau, vejo logo se é jogador ou não» - diz, saudoso de um tempo em que ninguém o batia. «Uma vez, em Contins, numa festa, houve um barulho valente. Às tantas, eram mais de cem homens metidos, e ninguém os conseguia apartar, nem os cabos da polícia, nem os mordomos. Então peguei no cavalo e no pau, e avancei. Ainda tive de dar umas boas bordoadas, mas era a única maneira de manter a ordem, de eles obedecerem.»

Hoje, quanto a jogos, o padre João Carvalho limita-se à sueca e à bisca, «a uma bebida ou a uma merenda, nunca a dinheiro». O tempo não perdoa.

A casa paroquial de Negrões está semi-abandonada: desde que foi operado, em Junho do ano passado padre João pára mais tempo em casa da irmã, em Montalegre. Mas já na altura, se sentia muito sozinho: em Março, morrera, com 84 anos, a criada que, durante 37, o aturou.

Mais de metade da sua vida está ligada a Negrões. Foi para ali em 1950, depois de ter sido pároco de Fiães do Rio e Couto de Dornelas. Tinha 30 anos, era um apaixonado da caça e das chegadas de bois, tocava concertina e realejo, batia as festas e as feiras da região, cultivava o convívio com amigos, em torno de um copo e de um petisco, gostava de cavalos, cães e futebol - «e também de raparigas», acrescenta um colega.

Passa por cima da «deixa» maliciosa do colega, mas não se importava de dizer que é contra o celibato, e neste ponto tem o exemplo de Frei Bartolomeu dos Mártires que muito lutou em defesa dos padres do Barroso («Saltem barrosani mei...»). Não o confessa, mas adivinha-se que, nesta altura da vida, a solidão de celibatário lhe pesa como um castigo. Mas não se arrepende de ter sido padre, muito menos de ter optado por ser padre da aldeia. Natural de Montalegre (n. em 14 de Agosto de 192), fez a escola primária na vila natal e em Padornelos, «capital» do Larouco. O estatuto social e económico do pai poderia ter-lhe permitido ir para o liceu, mas foi para o seminário de Vila Real, «por influência do arcipreste do velho de Montalegre, amigo da família». Quando conclui o curso, ainda não tinha 23 anos. Precisou de autorização do Vaticano para ser ordenado padre e rezou a primeira missa em 27 de Dezembro de 1943. «Se não fosse padre, gostaria de ter sido tropa. Porque? Uma questão de feitio e de gosto pelo desporto e pela actividade física». São palavras tiradas de um balanço à vida, provisório mas positivo. «Dantes, o pá-

Pe. João Moutinho de Carvalho

RETRATO DUM PADRE DE ALDEIA

roco era o rei da terra, o padre vivia melhor do que qualquer freguês.» Hoje, não vive mal, mas o padre João «gostava mais da vida paroquial de antigamente do que da de agora. Dantes, com pouco vivia-se bem, e agora, com muito, vive-se pior».

Mais importante, cada freguesia tinha o seu pároco e a vida corria calma, na paz do Senhor. Hoje, os poucos padres disponíveis (13 para as 35 freguesias do concelho de Montalegre) têm de desdobrar-se andando de um lado para o outros, sem ganhos materiais nem espirituais. Caso concreto do padre João Carvalho: cerca de 950 almas, distribuídos por três freguesias e catorze lugares; duas missas nos dias da semana e quatro nos domingos e dias santos; um ou outro ofício; de quando e quando, um casamento, um baptizado ou um enterro, mais muito raramente.

Com tudo isto, e mais os 25 contos de reforma, junta o suficiente para viver. Alguns fregueses mantêm o bom hábito de acrescentar ao dinheiro da missa (mil escudos) ou do baptizado e casamento (dois contos, fora os papéis) uma ou outra lembrança (enchidos, criação, caça, produtos da horta, vinho), que dá um jeitão nos tempos que vão correndo.

«Enriquecer? Nem pensar nisso». Enriquecer, aliás, nunca foi o objectivo do padre João de Negrões. Quis viver a vida, de bem com Deus e com os homens. Pensa que «para ser um bom padre, tem de ser um bom homem». Nunca gostou dos «rezadores, dos que batem muito com a mão no peito». E quanto a política, costuma dizer que o seu partido é o PPP, pão, presunto e pinga, mas outros Pês poderão ser acrescidos. Férias, nunca teve. A não ser que consideremos as duas viagem que fez aos Estados Unidos, a convide de antigos paroquianos que suportaram todas as despesas. Se tivesse de pagar ele, não tinha dinheiro.

Solidário, o padre João Carvalho costumava ajudar a organizar a papelada aos paroquianos que queriam emigrar para a América. Falando disto, um dia, num café, foi ouvido por alguém que concluiu ter ele ligações a qualquer rede clandestina. Detido pela PIDE, foi levado para o Porto e interrogado durante seis horas. Sem consequências.

Ao caminhar para os 73 anos, exclama, num misto de orgulho e de malícia: «A minha vida bem estudada dava um milhão de folhas». Uma velha paroquiana de Negrões elogia-o, sem complexos: «Era o padre mais bonito do Barroso». Ele rectifica, com um sorriso largo: «Era e ainda sou.»

Como padre que sempre viveu no meio do povo, pode dizer na hora da reforma: «casei, baptizei, enterrei». A isto se resume, afinal, a vida. A missa rezada em vernáculo, nestas manhãs frias do Barroso, dura pouco mais de dez minutos. E tem uma assistência diminuta.

Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

PADRE JOÃO CARVALHO EM «OS MAIS ILUSTRES TRANSMONTANOS E ALTO-DURIENSES», DE JOÃO BARROSO DA FONTE

João Moutinho de Carvalho nasceu em Montalegre, em 1921. Ingressou no Seminário de Vila Real no ano lectivo de 1933/34. Foi o 49.º padre a ser ordenado na Diocese de Vila Real. Faleceu em 6 de Julho de 1993, no Centro de Saúde da sua Terra, após prolongada e dolorosa doença que não merecia. De facto o Pe. João Carvalho, não sendo inteligente, nem fervoroso no seu ofício, antes dando uma ideia de vulgar cidadão, foi dos padres que fez mais amigos e melhor apostolado evidenciou, na sua permanente mistura com o povo a que pertencia e nunca deixou de ser. Foi, por muitos anos, o Pároco de Negrões, Morgade e Cervos. O seu funeral constituiu um acontecimento invulgar em Montalegre: choravam todos velhos e novos, crentes e descrentes, homens e mulheres, padres e leigos. Ele foi um padre *sui generis*, que Barroso jamais esquecerá. *O Povo de Barroso* (31 de Julho de 1993) que relata o falecimento e o funeral, escreve: « O Pr. João era mais conhecido, mais amado, mais admirado pelo Homem que era , pelo seu grande altruísmo do que propriamente pelo sacerdócio. Era o Padre das *chegas*. Era uma espécie de árbitro e presidente de cada chega... Não se salientou pela sua inteligência, pelos seus escritos, pelos seus sermões. Salientou-se, sim, pela sua bondade, franqueza, humanismo que espalhou como sol benéfico. Tinha uma fé interior muito forte, que o levava à confiança com Deus e frequentemente à confissão. Morreu no ano em que fazia as suas bodas de oiro sacerdotais».

Pe. João Moutinho de Carvalho

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

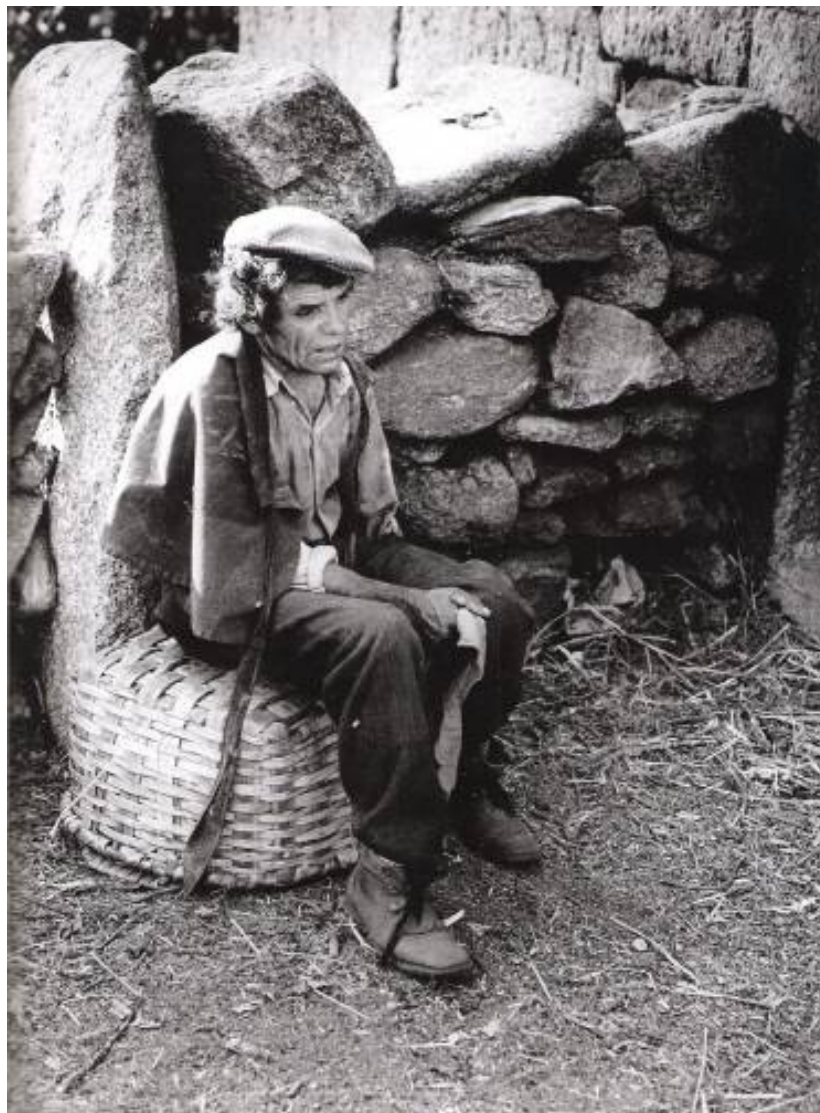
OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

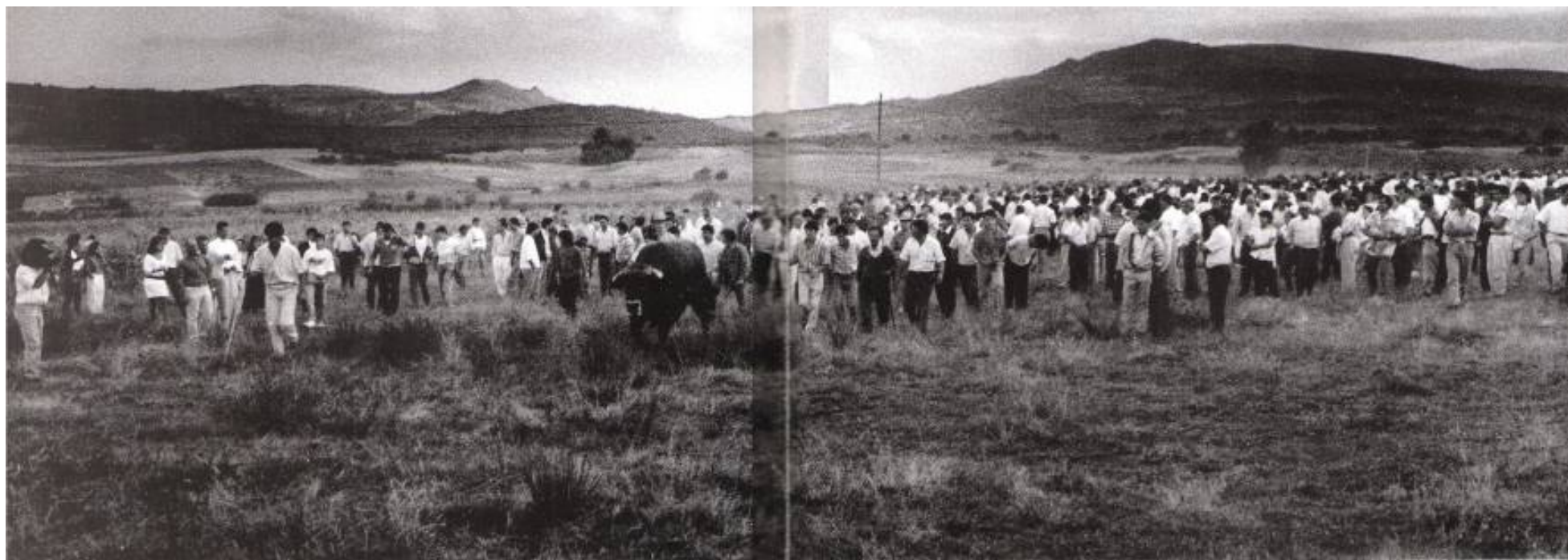
OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

***OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE
MAIS DE 40 ANOS***



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

***OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE
MAIS DE 40 ANOS***



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

OLHARES SOBRE A ALDEIA ONDE VIVEU E PAROQUIIOU DURANTE MAIS DE 40 ANOS



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

«CASOU, BAPTIZOU, ENTERROU»



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

«CASOU, BAPTIZOU, ENTERROU»



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

«CASOU, BAPTIZOU, ENTERROU»



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

«CASOU, BAPTIZOU, ENTERROU»



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

REFERÊNCIAS DE MIGUEL TORGA À ALDEIA DE NEGRÕES

Negrões, Barroso, 28 de Maio de 1955

Por mais que tente, não consigo reduzir estas vidas do planalto a uma escala de valores comuns. Foge-me da mão não sei que força incomensurável, que, exactamente por ser assim, se alcandora nos olímpicos possíveis do mundo. Nada existe aqui de notável a testemunhar uma actividade humana superior ou singular. Seres esquemáticos num ambiente esquemático. E, contudo, cada individuo parece trazer à sua volta hum halo de intangibilidade divina.

Talvez seja a própria pobreza do meio que, despindo-os de todo o acessório lhes evidencie a essência. E a nossa perturbação diante deles seria a perplexidade de pobres Adões cobertos de folhas diante de irmãos que permanecem nus.

(Diário III – 3ª edição, pág. 185-186)

Negrões, Barroso, 24 de Setembro de 1960

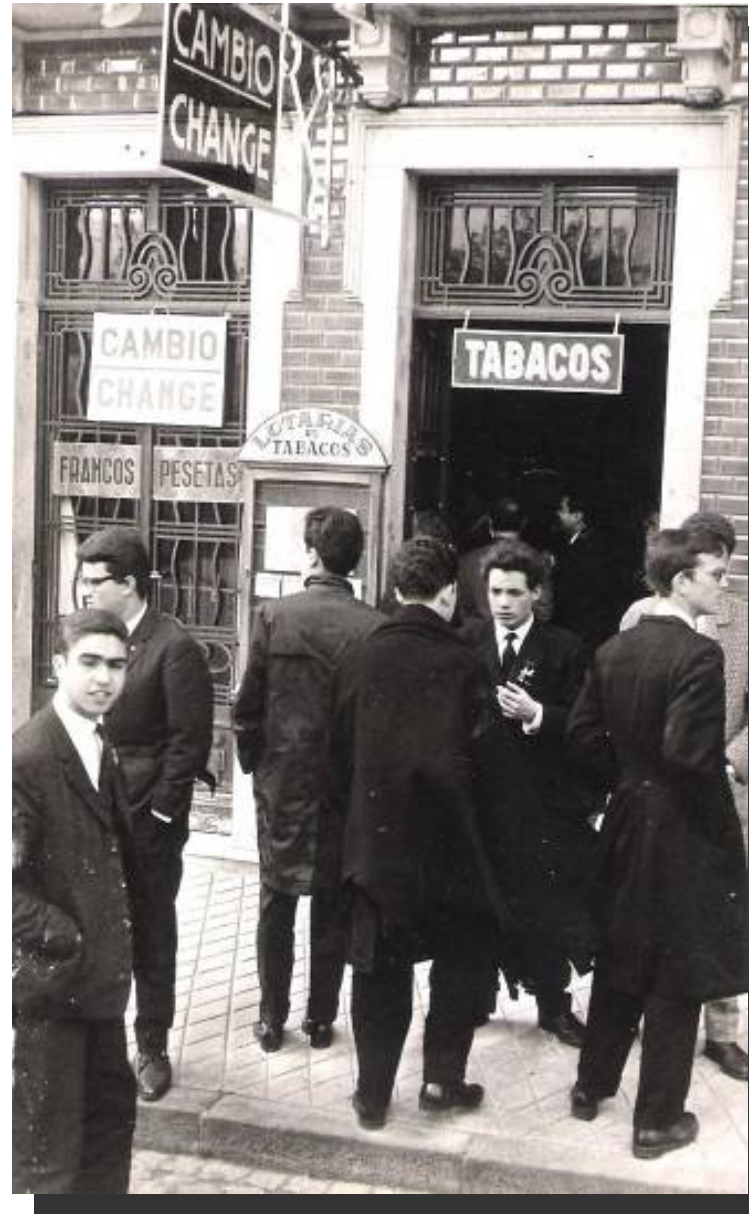
Tanto montada ser aqui, como no Terreiro do Paço. Ouvir um político, é ouvir um papagaio insincero.

(Diário IV – 2ª edição, pág. 40)

Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

A SUA DEDICAÇÃO À GERAÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

A SUA DEDICAÇÃO À GERAÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

A SUA DEDICAÇÃO À GERAÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

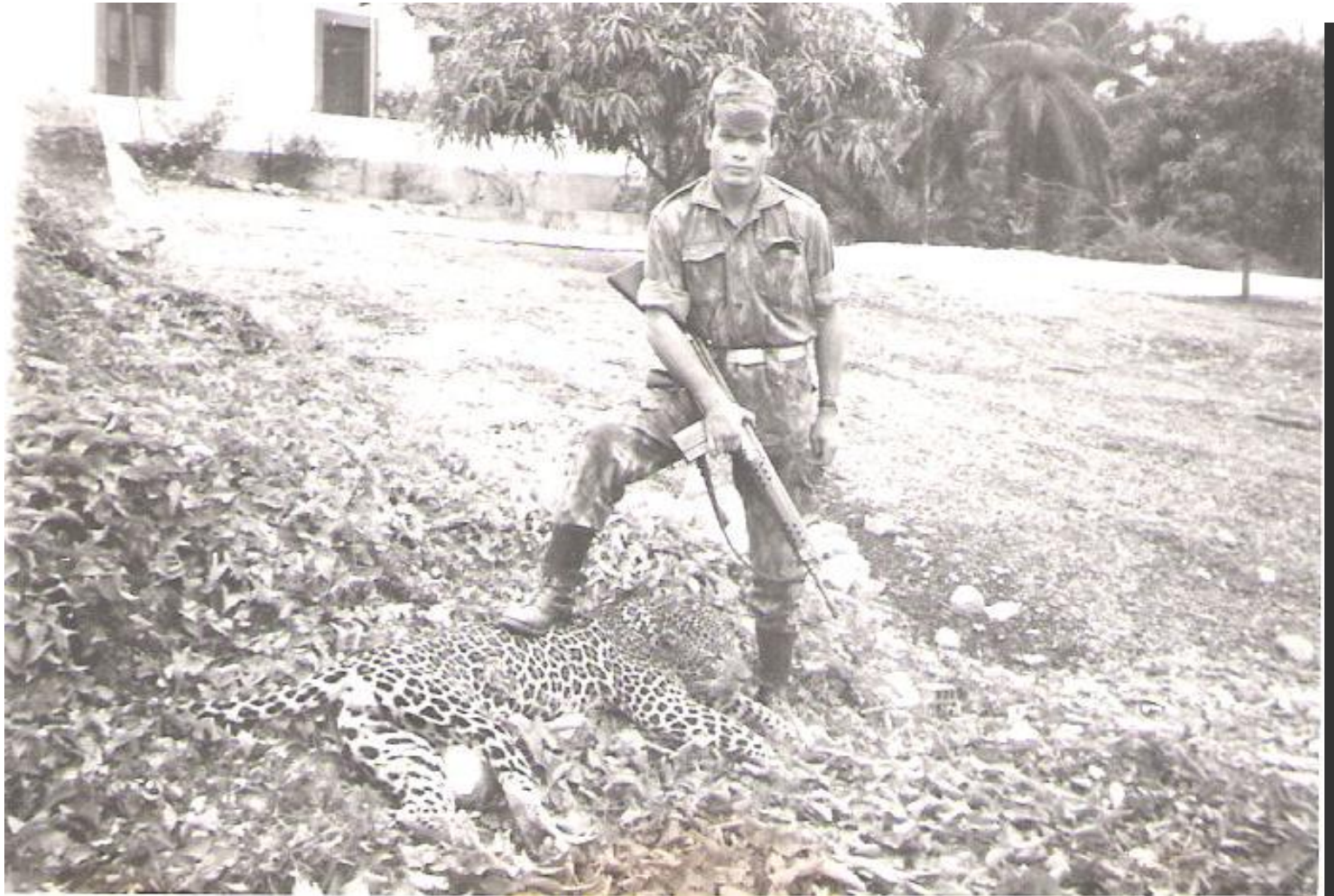
A SUA DEDICAÇÃO À GERAÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

A SUA DEDICAÇÃO À GERAÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

A SUA DEDICAÇÃO À GERAÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES



Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

PERFIL HUMANO E PSICOLÓGICO

O padre João Carvalho viveu no meio do povo e teve a mesma condição. O seu lema dos três pés (PPP, pão, presunto e pinga) constitui, antes de mais a visão intuitiva da importância da mesa na união das pessoas; a mesa representa o momento da festa, a distribuição do produto da caça, a continuação da prosperidade da família e do clã.

Até alguns anos atrás não se falava da inteligência emocional, nem na sua importância decisiva para o sucesso individual e a compreensão do próximo. O padre João Carvalho desenvolveu essa faculdade como ninguém. Entendeu que não é com sermões enfatizados que se conquista o coração do povo. Preferiu identificar-se com ele nas virtudes e nos defeitos, conhecedor de que ninguém nasce sem vícios e que é ainda intocável aquele que só tem os mais pequenos, como diz o poeta Horácio. O padre Sismond sublinhou o valor da emoção, à justa medida do nosso homenageado, quando disse que «são cinco os motivos para beber: a chegada de um amigo, a sede do momento ou a futura, a bondade do vinho e qualquer outra razão».

Mostrou-se humilde e resignado em muitos domínios, sabendo que, no confronto de ideias, a virtude mais difícil é a moderação. Aceitou o que o destino lhe proporcionou com a consciência plena de que ninguém vive a vida que escolheu. Aquilo que se é, enquanto padre ou cidadão é, também, em boa parte, o que se encontrou ao longo do caminho.

-Não ficou célebre pelos seus sermões? Voltaire dá-nos a chave para entender a escolha: «encontra-se sempre uma forma de pronunciar um grande discurso, sem dizer nada». Para os amantes da oratória isto pode parecer controverso, mas não para o padre João. Eu vi-o muitas vezes a sondar os temas e as preferências dos convivas para estabelecer uma ponte de diálogo, um clima de confiança e de empatia. Lembrava um pescador a lançar o isco para a trair o peixe. Era admirável ver como estimulava os participantes e os fazia sentir confiantes e satisfeitos consigo próprios.

Existiam sempre dois paradigmas no seu convívio: a alegria e felicidade. Os tempos de então eram duros. A alegria sempre era fonte de saúde física e espiritual e a felicidade também vem pelo convívio; nenhum bem se desfruta sem companhia. Foi por esta via que procurou a felicidade dos outros. Surpreendi-o uma vez, em amena cavaqueira, na adega com o meu pai, onde entre palavras e sorrisos retive esta máxima: o melhor aperitivo para beber um copo é dois dedos de conversa.

Foi um entusiasta. É pelo entusiasmo que se mostra a força da fé. Em cada homem bom habita um Deus. Ainda há dias, quando comentava com um amigo a herança que nos legou, esse amigo e ex-sacerdote dizia-me: podiam dizer dele não importa o quê, mas todos terminavam a conversa assim: era um homem bom; o seu apostolado social foi dos mais autênticos e esse é o marco mais sólido da sua passagem por este mundo.

Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO

PERFIL HUMANO E PSICOLÓGICO

A sua independência de julgamento e de acção nem sempre foram compreendidos. Diz certo autor «sê virtuoso e te tomarão por excêntrico». Tinha carácter, não um carácter forte, porque como alguém diz, ter carácter forte é sinal de não ter bom carácter. Ter bom carácter é poder passar sem êxitos.

Entendeu a juventude como um tesouro divino, que se quer mais estimulada que instruída. Mas instruída também. Transmitiu a toda a geração de estudantes da geração dos anos cinquenta uma fé e exaltação inabaláveis e passeava-se, no meio de nós como o chefe do gang das boas façanhas.

Sabia estar sempre presente nos momentos cruciais da vida dos seus amigos e paroquianos: na celebração, na doença, na hora de emigrar, no tribunal ou na prisão.

Tenho gravado para toda a vida, a sua reconfortante presença em momentos muito importantes do meu crescimento pessoal. Fui o último aluno a fazer o exame oral de admissão ao Liceu de Chaves, no ano em que ali dei entrada. Sentei-me em frente ao júri disposto a defender a minha dama. Começou o interrogatório. A certa altura senti que havia algo de especial, lá atrás, nas minhas costas. Voltei-me. Era o padre João ali sentado, com um inesquecível brilho no olhar, acompanhado do meu pai que foi arrancar ao lameiro onde segava o feno e o obrigou a deixar a gadanha para vir ver o exame do filho. Com a desconstracção natural do júri, depois da longa e difícil tarefa de avaliação, vieram até junto de nós e disseram: parabéns pelo rapaz, fechou os exames com chave de ouro. É impossível descrever o seu entusiasmo e alegria de então. Dava pulos de contente, como uma criança. Foi a maior prenda que lhe podia ter dado. Por esta e tantas, outras razões a dar prova de gratidão que jamais poderei retribuir como merecia.

Aí pelos inícios de noventa, encontrei o padre João Carvalho em Montalegre, já ele estava doente. Eu estava acompanhado por um amigo de Lisboa. Convidou-nos gentilmente a beber um copo. Quis desculpar-me, pois sabia que beber não lhe fazia bem à saúde. Ele percebeu e disse-me: anda, este vinho não faz mal à saúde. O meu amigo confessou-me pouco tempo depois: caiu-me tão bem aquele vinho que creio que o padre o benzeu primeiro. Retive aquela vibração terna e envolvente do encontro, como uma mensagem que não conseguia ou me recusava a compreender. Soube-a, pouco tempo depois, quando tive conhecimento do seu falecimento. No dia do aniversário dos seus sessenta e quatro anos, quando na adega os dois a sós, erguíamos os copos em saudação, deixou cair a cortina da alma e desabafou: a vida é muito bonita, mas a partir dos sessenta perdi toda a alegria de viver. Não era habitual fazer desabafos. Fiquei muito tempo fixado naquele ser portentoso, senhor de uma vibração espontânea capaz de ecoar para toda a eternidade, com uma intuição que subia a Deus pela escala luminosa de um raio, sem poder acreditar como o efeito corrosivo da doença tolhe o corpo, perturba os sentidos e esmorece a chama da alma.

Dizem que é mais rara uma vida bem escrita, que uma vida bem vivida. Que o padre João me desculpe a mímica do engenho para fixar o instante de cada dia em que me ensinou a ver como o menino-deus de Fernando Pessoa se passeia, divertido por entre os homens.

Pe. João Moutinho de Carvalho

PADRE E CIDADÃO DO MUNDO